

## A NATUREZA RESPEITADA COMO SAGRADA

*Eu costumava pensar que os principais problemas ambientais eram perda de biodiversidade, colapso do ecossistema e mudanças climáticas. Eu pensei que trinta anos de boa ciência poderiam abordar esses problemas. Eu estava errado. Os principais problemas ambientais são o egoísmo, a ganância e a apatia, e para lidar com eles precisamos de uma transformação cultural e espiritual e nós, cientistas, não sabemos como fazer isso.*

*Gus Speth<sup>1</sup>*

É com imensa satisfação que apresentamos o v. 6 n. 11 da Relicário, Revista do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia. Mesmo em meio a dificuldades e muitas vezes à impossibilidade de melhores condições de trabalho, este número apresenta o dossiê intitulado “O SAGRADO E O MEIO AMBIENTE: zonas rural e urbana, reservas naturais e oceanos” com dez artigos de excelente qualidade, uma Nota de leitura e uma Resenha. Trata-se de privilegiar o manejo sustentável da natureza – a consciência de que a natureza deve ser cuidada e respeitada como sagrada, tal como se nota nas manifestações ambientalistas antigas e atuais, voltadas para mudanças de hábitos e valores que perpassam toda evolução humana da paisagem e da ocupação rural e urbana no planeta.

Entende-se sagrado no sentido destacado pelo Dicionário Aurélio, ou seja, tudo o “que merece respeito e veneração”. Citando engenheiro agrônomo e paisagista Rodolfo Geiser: “*Por extensão vale lembrar o livro “Decadência e Regeneração da Cultura” de Albert Schweitzer, que propõe ao final como solução “o respeito e a reverência à vida”. À vida em seu conjunto: as plantas, os animais, o homem e toda a biosfera; continentes, ilhas, oceanos, atmosfera e camada superficial da superfície terrestre. Tal visão não necessita forçosamente que se creia em Deus. Pode ser uma visão da vida a partir da ecologia que reconhece e respeita todo o espaço vital como necessidade para a manutenção e preservação da vida de cada uma das espécies (vivas), incluindo o homem. Uma visão do homem a partir da ecologia e não restrita à*

---

<sup>1</sup> Palavras do cientista Gus Speth, publicadas no site Ecological Consciousness, divulgadas no Facebook, em 22 de abril de 2018

*cultura. Nesse sentido, claro, **todo** o espaço vital é sacro. Tanto sob o ponto de vista gnóstico quanto agnóstico.*

Essa visão do sagrado que os autores apresentam, a maior parte deles especialistas e pesquisadores na área ambiental, ultrapassa a perspectiva materialista da ciência até hoje distante das dimensões sutis da natureza, como, por exemplo, a necessidade premente de transformação cultural e espiritual para superação do egoísmo e da ganância. A intenção foi explorar o debate sobre: 1) o papel do homem como integrante/interventor da natureza; 2) a convocação de uma assembleia especial do *Sínodo dos Bispos* para a Pan-amazônia, em outubro deste ano, de efeitos esperados sobre o tema e a conjuntura brasileira; e 3) as posições oficiais ou não das políticas públicas ambientais em curso no Brasil e no mundo, abordagem crítica de modo a proteger a natureza da destruição dos recursos naturais e dos efeitos deletérios da ação humana sobre ela.

O artigo que abre o dossiê, intitulado *A Sacralidade da Natureza*, do oceanógrafo Edson Barbieri, premiado pesquisador e bolsista de produtividade do CNPq, mostra de forma abrangente como com o advento do mundo moderno a natureza foi privada de seu significado sagrado, passando a ser vista pela ciência como uma inimiga a ser conquistada em nome do progresso. “É óbvio que não podemos negar o valor da ciência moderna”, diz, “mas, em alguns casos, suas funções e aplicações tornaram-se ilegítimas e até perigosas, pois não estão integradas a uma forma superior de conhecimento. A ciência é um meio concebido pela mente humana para desvendar os segredos do universo. Vista como um fim em si, perde sua legitimidade e acaba se tornando uma força destrutiva para o homem em algum momento, causando vários problemas, como a crise ecológica, que acaba sendo a manifestação externa de um mal-estar interior, que só pode ser resolvido através de um renascimento espiritual do homem moderno”.

No segundo artigo, *Algumas considerações sobre a Natureza, o Sagrado e o Homem*, o pesquisador em Filosofia Antiga Luiz Fernando Bandeira de Melo faz uma abordagem mais minuciosa, como se detalhasse parte do texto de Barbieri, algo como as *origens do sagrado no homem como parte da natureza e suas consequências*. Tal fato explica, assim, a presença de animais sagrados nas culturas e seus símbolos: a vaca na Índia, o elefante num país vizinho do Oriente, a água no México, outros animais como cobra, jaguar. O autor aprofunda a fonte da sobrevivência humana, tão deploravelmente degradada por ações exterminadoras do seu próprio beneficiário, o homem. A natureza foi e continuará sendo palco e motivo de representações religiosas como principal

origem da sua vinculação do homem com Deus, com seus deuses, e não apenas um contributo dos bens materiais humanos. É utilizando a fauna e a flora que o homem idealiza lendas para atender o imaginário representativo dos deuses, com seus atributos e características historiadas nas diversas civilizações pela biografia mundial,

Na sequência temos o artigo de Marcos Sorrentino e Ana Clara Nery da Silva, ambos da ESALQ/USP. Sorrentino é professor sênior e coordenador da Oca - Laboratório Oca de Educação e Política Ambiental vinculado ao Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP, ao qual também está ligada Nery da Silva como doutoranda. Os autores trazem contribuições para pensarmos os caminhos que a educação ambiental (EA) e suas políticas públicas (PP) devem seguir no momento presente, incluindo a valorização da espiritualidade laica e da potência de ação na construção da felicidade. Consideram que a efetividade de PP comprometidas com o ideário ambientalista requer saber a urgência do momento histórico e definir a direção da caminhada, sugerindo-se a promoção de “uma nova cultura da Terra, terra e território” e que detenham a degradação e construam mudanças para a sustentabilidade socioambiental, pautadas no cotidiano das pessoas, entre elas e com o ambiente.

O quarto artigo, de Cláudia Petry, Doutora pela Universidade Paris I Sorbonne, engenheira agrônoma e professora de Paisagismo e Agroecologia dos Programas de Pós-graduação em Agronomia (PPGAGRO) e Ciências Ambientais (PPGCIAMB), mostra que ao longo da história humana, sempre se comemorou colheitas fartas, que afastavam a tragédia da fome. Mas a partir de um determinado momento histórico a maioria da humanidade esquece do alimento que a terra deu, por ter perdido a ligação com ele. Atualmente, agricultura é sinônimo de profissão empresarial, lucros, venda, excesso de agrotóxicos, commodities, alta produtividade, tecnologia de ponta, enfim, é o capitalismo agrário. Mas na busca da sacralidade das relações dos homens com a natureza, procura-se aqui explanar sobre a importância da agricultura familiar, do manuseio da terra, da persistência do kitsch nos jardins e por fim propondo a agroecologia como a agricultura que renova os laços do sagrado na produção de alimentos onde os camponeses são os principais sujeitos.

O quinto artigo é assinado por Ana Catarina Zema de Resende e Suliete Gervásio Monteiro, a primeira, doutora em História Social pela Universidade de Brasília, com ampla experiência internacional na área de direitos indígenas, e a segunda, indígena do povo Baré, Engenheira Florestal pela Universidade de Brasília. A pesquisa feita, muito bem elaborada e documentada, analisa como, no cenário nacional e internacional, o Rio

Negro tem despertado interesse de empresários das mais diversas áreas, sobretudo de empresas mineradoras que disputam espaço e riquezas com garimpeiros, madeireiros e pescadores ilegais nas terras indígenas. À luz da ecologia política latino-americana, verificam as percepções de alguns indígenas sobre os impactos socioambientais advindos da atividade mineradora para os povos indígenas que residem às margens do Médio Rio Negro, área pertencente ao Município de Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas. Por meio de entrevistas e formulário reconhece-se, nas percepções dos indígenas entrevistados, a consciência da “desigualdade ecológica” de que fala a ecologia política latino-americana, ou seja, das desiguais e assimétricas relações de poder nos processos de decisão, no acesso aos recursos e serviços ambientais, assim como nas consequências desiguais das degradações ambientais, e sua determinação em lutar para que sejam reconhecidos seus direitos, sobretudo o direito à consulta livre, prévia e informada.

O artigo seguinte, de Gabriela Maria Leme Trivellato e Mayara Araújo dos Santos, ambas da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ/USP), tem por objetivo discutir o papel dos seres humanos na manutenção dos ecossistemas, sobretudo no que se refere aos povos indígenas e agricultores familiares. As autoras acreditam que esses grupos humanos têm grande potencial para contribuir na manutenção dos serviços ecossistêmicos, na medida em que seus modos de vida e costumes estão culturalmente atrelados à preservação dos ecossistemas. Acreditam ainda que a espécie humana é fundamentalmente dependente do fluxo de serviços ecossistêmicos para ser protegida contra as mudanças ambientais e que a rápida perda de ecossistemas e paisagens culturalmente valiosos pode contribuir para rupturas sociais e marginalização de sociedades. O artigo relembra um importante documento da ONU, a *Millenium Ecosystem Assessment*, que aponta os serviços ecossistêmicos, dentre eles a realização espiritual, e reforça a sacralidade do meio ambiente para as comunidades indígenas e de agricultores familiares. Trata-se de um artigo importante e teórico, apresentando uma espécie de base conceitual para abordagens mais práticas.

O sétimo artigo, de Ana Luiza Casasanta Garcia, doutoranda no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas-UFSC, e de Thais Miranda Santa Helena, formada em Administração na UFSC, aborda o interessante tema da Economia Circular e do movimento *Slow Fashion*, extremamente importante no contexto do dossiê em pauta. Segundo as autoras, com o advento do capitalismo e a crise da modernidade, transformações estruturais em nível global passam a se configurar como alvos de

discussões em teorias sociológicas. Utilizando o referencial teórico de Ulrich Beck e Anthony Giddens, o objetivo principal do artigo busca discorrer a respeito da economia circular moldada pela Fundação Ellen MacArthur e enfatizar como ela se confecciona como uma estratégia eficaz para o enfrentamento dos principais conflitos econômicos contemporâneos. A partir do estudo, buscam constatar que a Economia Circular e o *Slow Fashion* podem ser considerados estratégias de combate aos riscos ambientais encontrados na modernidade. Em resumo, como de uma economia de **consumo**, em termos de sagrado (ou simples sobrevivência da humanidade) devemos chegar a uma economia **solidária**. Nada do binômio (esquerda X direita) que em certo sentido, sobretudo no Brasil atual, está totalmente subvertido...

O artigo seguinte, de Joachim Andrade, da Congregação do Verbo Divino e doutor em teologia, e Nadi Maria de Almeida, ambos da PUCPR, sobre a Conversão Pastoral, mostra que modelos antigos utilizados ao longo dos séculos no desenvolvimento da pastoral na região amazônica parecem estar ultrapassados. Daí a necessidade de uma conversão estrutural como a dos agentes que atuam na região. Nunca se pensou nessa região a partir dos nativos, incorporando sua cosmovisão na elaboração da pastoral. O artigo tem por objetivo abordar os caminhos para a missão a partir da renovação missionária que parte de uma profunda conversão pastoral proposta pelas duas Conferências Episcopais Latino-americanas: a de Santo Domingo e a de Aparecida, e ainda, do convite à conversão pastoral como conversão missionária da Igreja da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Tais objetivos são colocados numa tentativa de clarear conceitos e apontar um direcionamento ao caminho que devemos trilhar para uma transformação interior e exterior da Igreja atuante no mundo contemporâneo.

O artigo de Jéssica Manfrin, Mayara Andria da Silva Escher e Jaime José Rauber, da PUCPR, segue a linha de raciocínio semelhante à do primeiro artigo, de Edson Barbieri, porém sob outro enfoque, mas também bastante útil a quem se preocupa com a temática. Para os autores, a interferência do ser humano no planeta Terra tem se guiado pelos princípios da exploração e da dominação, colocando em risco não somente a sua vida, mas a de toda a criação. Nesse sentido, o presente artigo visa fazer uma reflexão sobre o impacto das ações humanas no meio ambiente, uma vez que essas estão voltadas muito mais para a satisfação dos desejos e anseios pessoais do que para perpetuidade da espécie e de todas as formas de vida. É fato que a espécie humana depende da Mãe Terra para a sua sobrevivência, mas, como as ações dos homens estão

sendo realizadas de forma agressiva, invasora e desequilibradora, longe das características do princípio do cuidado, faz com que a Mãe Terra “gema em dores de parto.

O último artigo do dossiê, de Edvaldo Sant`Ana Lourenço, Edivaldo Garcia Moreira da Silva e Edson Garcia Moreira da Silva, da Universidade Estadual do Mato Grosso, é uma boa contribuição a este dossiê, fazendo um balanço informativo de normas e regulamentações que têm sido usadas para proteger e conservar o meio ambiente. A política ambiental teve sua evolução histórica se iniciando na antiguidade e hoje passa por uma preocupação mundial, registrada em várias declarações e tratados internacionais. No Brasil, as legislações ambientais começaram no período colonial e vêm sofrendo alterações com o decorrer do tempo. O objetivo dos autores é fazer uma breve retrospectiva da política ambiental, apresentando o principal Marco Regulatório do direito ambiental brasileiro.

Temos ainda neste número, na seção Notas de Leitura, a nota histórica e teológica sobre os Padres Diocesanos na Igreja do Brasil, de Antônio Alves de Melo, teólogo de peso, com doutorado na Universidade Gregoriana de Roma. O autor parte das considerações do professor americano Kenneth P. Serbin, que publicou anos atrás o livro *Padres, celibato e conflito social. Uma história da igreja católica no Brasil*. O primoroso texto de Alves é muito interessante e oportuno ao oferecer bases para reflexão, tendo em vista o Sínodo dos Bispos a se realizar em outubro deste ano, principalmente no que tange o celibato dos padres. O autor recupera a biografia de grandes expoentes do catolicismo luso-brasileiro, pondo ainda o desafio de uma compreensão mais larga do ministério presbiteral com a discussão em torno da ordenação de homens casados em determinadas regiões, nas quais inúmeras razões apontam nessa direção.

Por fim, na seção Resenhas, a revista apresenta a resenha da obra *BiblioAlimentaria: alimentação, saúde e sociabilidade à mesa no acervo bibliográfico da Universidade de Coimbra*, publicada em abril de 2018, resultado do esforço pioneiro de identificar fontes e estudos para o estudo da alimentação, na ótica da história, a partir do rico acervo da Universidade de Coimbra.

Boa leitura a todos!

Vani Terezinha de Rezende - Editora Responsável  
Rodolfo Geiser - Editor Convidado para este dossiê  
Coordenadores do dossiê